CRESCIMENTO E... INFLAÇÃO

A expansão setorial convive com o problema crônico de mão de obra, o que pressiona custos

Ana Maria Castelo, Sônia Mara Pereira Henriques e Fernando Garcia

EM ABRIL, o IPCA superou o teto da meta de inflação ao atingir 6,51% em 12 meses. Nesse mesmo período, o INCC-M, índice que acompanha a evolução dos custos da construção, apresentou movimento inverso, registrando pequeno declínio em relação ao mês anterior. Contudo, o INCC-M ficou 1,66 p.p. acima do resultado do mesmo mês de 2010, atingindo uma variação maior que a da inflação oficial, de 7,01%.

O crescimento do INCC-M acima do IPCA registrado em abril não foi pontual. Na verdade, reflete um movimento observado há mais tempo. Não por acaso, um período que coincide com as taxas de crescimento bastante robustas em toda a cadeia da construção.

Entre 2005 e 2010, o PIB da construção registrou crescimento de 31% acima do aumento dos custos do setor, o que representou um crescimento médio anual de 5,6%. Ao longo de todo esse período, o INCC-M sempre superou a inflação oficial.

É importante ressaltar que o INCC acompanha a evolução dos custos de uma construção residencial[1]. O índice está acusando uma alta importante no custo de produção de moradias habitacionais no país. A maior contribuição para esse aumento tem vindo da mão de obra, refletindo os anos de crescimento da renda e a escassez de mão de obra. Entre 2005 e 2010, somente no ano de 2008 o aumento do item mão de obra se situou abaixo do índice geral. As perspectivas para os próximos anos mostram que o mercado de trabalho continuará aquecido. Assim, mesmo que as empresas sejam bem sucedidas na tarefa de atrair e qualificar um maior número de jovens profissionais, o aumento da produtividade é o único caminho que pode viabilizar o crescimento dos próximos anos.

Salários em alta

Como seria de esperar o crescimento da construção foi seguido por forte aumento da demanda por mão de obra. O número de ocupados na construção em seis regiões metropolitanas (RMs) pesquisadas pelo IBGE aumentou 19% entre 2005 e 2010. Vale lembrar que, em dezembro de 2010, a taxa de desocupação do setor nessas mesmas RMs atingiu 2,3%. Esse desempenho se refletiu na renda do trabalhador. Entre dezembro de 2005 e dezembro de 2010, o rendimento médio real do trabalhador da construção cresceu 39%, o que representa um aumento real de quase 7% ao ano. Quatro das seis RMs apresentaram taxas acima do rendimento médio real do setor. O maior aumento ocorreu em Salvador, 53% e o menor no Rio de Janeiro, de 24%.

O mercado mais aquecido vem fortalecendo as demandas salariais, com expressiva valorização real dos salários

É importante lembrar que esse crescimento econômico promoveu uma forte formalização das atividades, o que gerou um aumento expressivo no número de empregados com carteira por todo país – 74% em seis anos ou 9,71% ao ano.

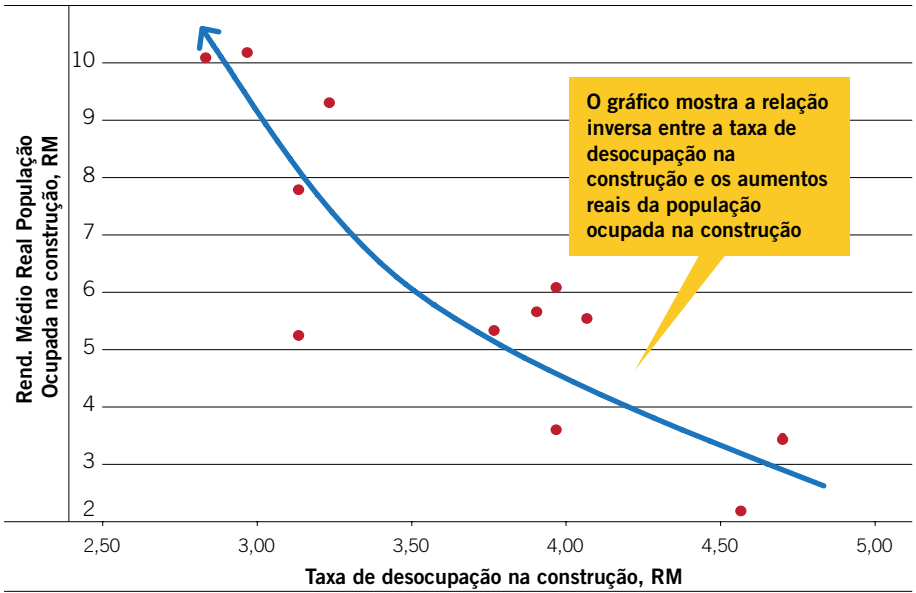
O mercado mais aquecido vem fortalecendo as demandas salariais, o que está sendo percebido na inflação setorial. Essa relação é conhecida na macroeconomia como "curva de fixação de salários". Ela mostra que a redução do desemprego e o aumento da produtividade afetam positivamente os salários reais. Desde 2005, o desemprego na construção reduziu-se de 5% para menos de 3% da população economicamente ativa do setor e o INCC-M mão de obra subiu 57%, ou 18% acima do IPCA. A relação entre o desemprego na construção e rendimentos dos trabalhadores do setor é ilustrada no gráfico superior – cada ponto se refere ao valor médio observado em um trimestre.

Assim, embora a alta dos preços setoriais esteja sendo percebida em vários itens que compõem o índice, são os custos com mão de obra que mais têm contribuído para o resultado final do INCC. Nos 12 meses encerrados em abril, o INCC-M mão de obra registrou alta de 8,74%, o que respondeu por 61% do aumento no período. Vale notar que do montante do reajuste da categoria previsto para o ano de 2011, apenas 11% já foi apurado no índice deste ano.

Nesse cenário de alto crescimento setorial, com falta de mão de obra qualificada, o setor tem realizado um grande esforço para atrair novos trabalhadores para o mercado. Uma parte desse esforço é a própria elevação dos salários. Assim, tem crescido significativamente a demanda por auxiliares. Em 2010, dados do Ministério do Trabalho mostram que essa foi a categoria que mais cresceu no mercado de trabalho, 22% em relação a 2009, e foi também a que mais contribuiu para a alta dos

1 O INCC mede a evolução de custos de construções habitacionais em sete municípios de capitais: Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

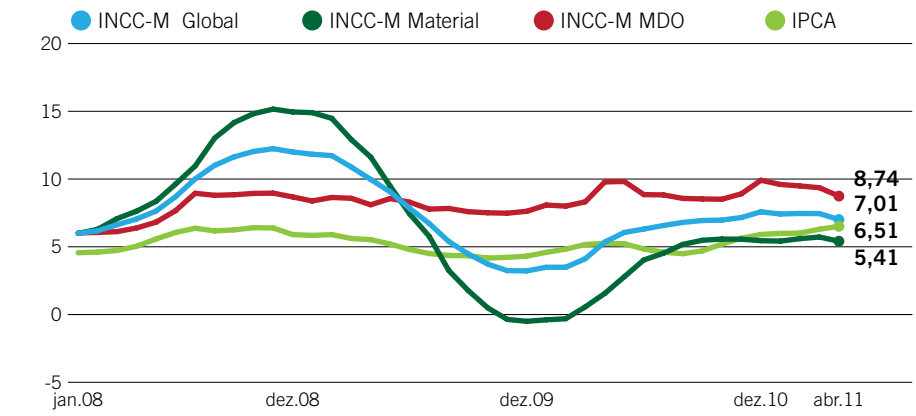
PREÇOS E EMPREGO



Fonte: IBGE. Elaboração FGV

A EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS ÍNDICES DE INFLAÇÃO

Taxa acumulada em 12 meses



Fonte: FGV, IBGE

custos setoriais. No INCC, os auxiliares representam 45% do custo total da mão de obra. No entanto é importante mencionar que as categorias com maior qualificação como o encarregado e o engenheiro foram as que obtiveram maiores aumentos.

Em 2011, a pressão sobre o mercado de trabalho permanece. Embora tenha havido redução na taxa de crescimento do emprego formal, o mercado continua aquecido e as empresas estão contratando, o que sustenta reivindicações salariais. Nos estados que já tiveram acordos fechados ou dissídios estabelecidos pela justiça, os aumentos ficaram entre 9% a 10,5%. Em São Paulo, o acordo fechado em maio acertou um aumento de 9,75% para os salários e, no Rio de Janeiro, o aumento foi de 9,5%. Em Brasília, o reajuste dado em duas parcelas, totalizará 16%. É importante notar que o INCC-M acumulado até abril ainda não refletiu os últimos aumentos observados em Brasília e São Paulo.

Materiais

A última sondagem da indústria realizada pela FGV em abril mostrou que o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de materiais caiu 2% desde dezembro. No entanto se mantém como a mais elevada dentro da indústria de transformação. A recuperação da produção da indústria de materiais, após a queda registrada no final de 2008, foi relativamente rápida e o resultado também pode ser percebido nos preços.

Entre abril de 2010 e abril de 2011, a elevação acumulada em 12 meses do INCC-M materiais e equipamentos passou de 0,40% para 5,41%. O resultado do início de 2010 ainda refletia a deflação registrada no ano anterior por conta da desoneração do IPI. Assim, a taxa de elevação dos materiais e equipamentos em 2011 é inferior a observada pela mão de obra e pelo IPCA, mas acusa uma aceleração maior.

Os materiais que mais contribuíram para a alta dos últimos 12 meses foram os minerais não metálicos – especialmente tijolo/telha cerâmica e cimento – e materiais para instalação, com destaque para os condutores elétricos com 28,89% de reajuste nos últimos 12 meses. O item tijolo/telha cerâmica acumula taxas positivas desde junho de 2009. São 23 altas consecutivas, totalizando 25,74% de aumento no período. As maiores altas ocorreram nas regiões Nordeste e Centro-Oeste.

A elevação do preço de algumas *commodities* metálicas a partir do final de 2010, o aumento do preço do petróleo e as demandas salariais responderam por parte importante da pressão de custos da indústria nos últimos meses. As altas recentes do custo da energia tiveram reflexos nos preços dos tubos e conexões de PVC, com taxa acumulada em 12 meses de 7,14%. O crescimento da demanda também favoreceu a elevação de preços, que foi mais acentuada no primeiro semestre de 2010. Em 2011, nos primeiros quatro meses, o INCC-M materiais registrou alta de 1,81%, equivalente ao resultado do mesmo período de 2010.

A sinalização de investimento elevada apontada pela sondagem da Abramat realizada em abril – 74% dos empresários consultados revelaram intenção de aumentar sua capacidade produtiva nos próximos 12 meses – indica uma expansão da oferta da indústria, o que deve contribuir para reduzir a pressão da demanda.